



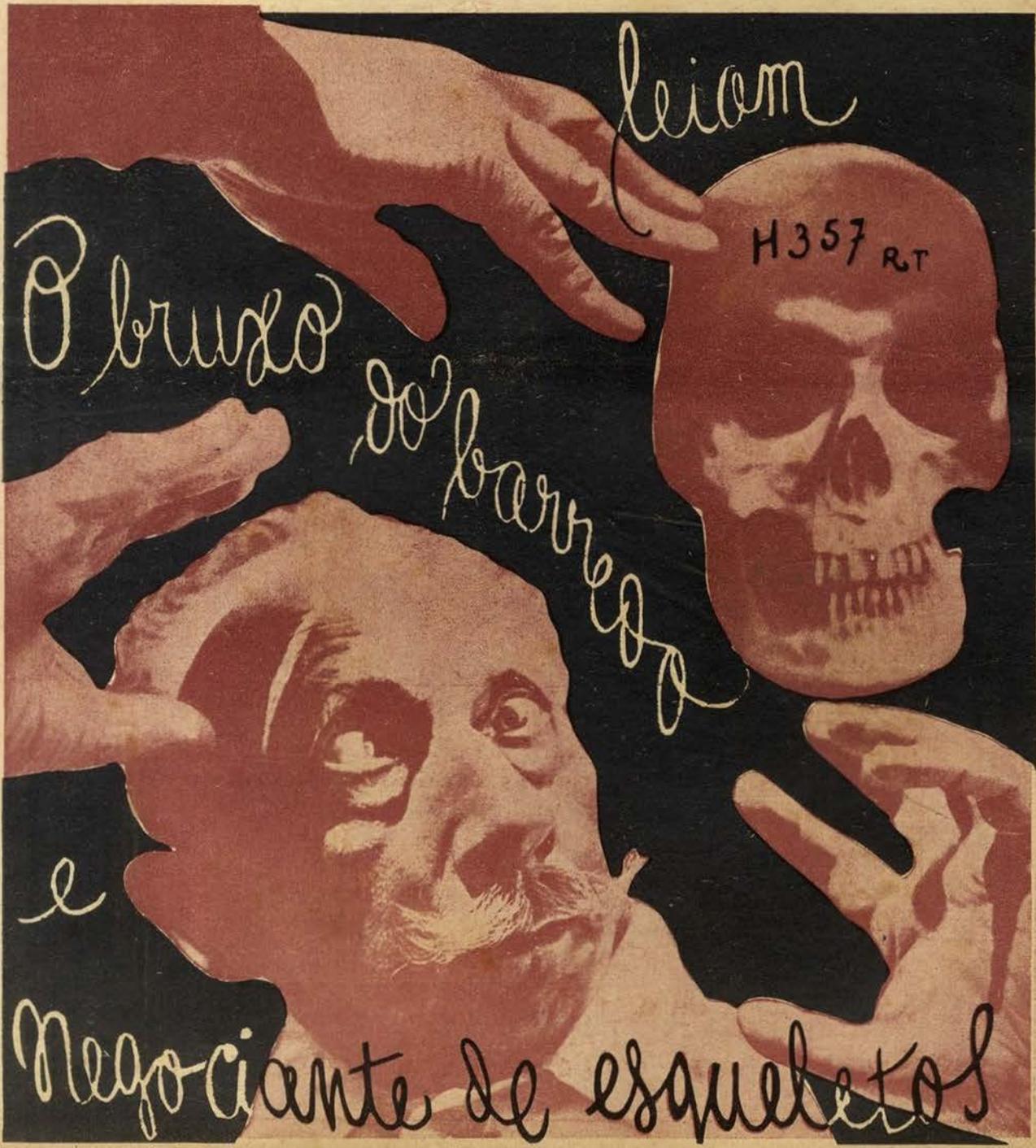
# Reportagem

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

2 de Maio de 1931

Numero 39



*leiam*

H357 RT

*O bruxo*

*do barreado*

*e*

*Negociante de esqueletos*

P  
A  
S  
S  
A  
P  
O  
R  
T  
E  
S

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte

=

Agente no Norte da

**UNITED STATES LINES**

Nicolau Ferraz  
RUA DO LOUREIRO, 60  
Telefone **762** **Porto**

**Feliciano Sobral**

Rua da Fábrica, 11

**PORTO**

Telefone **4353**

Atoalhados, colchas, cobertores e riscados

Representante da Casa

**Teixeira de Abreu & C.<sup>a</sup>**

**Guimarães**

## LOTARIA DE SANTO ANTONIO

# 3.000.000\$00

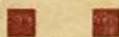
Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

### EXTRACÇÃO A 13 DE JULHO

## “REPORTER X”

E

## “NOVELA POLICIAL”



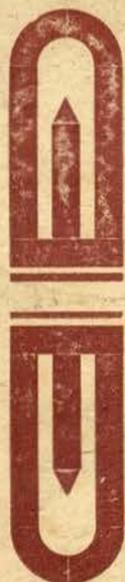
Nos nossos escritórios, Rossio, 3, 3.º

compramos os n.º 1 e 6

do “REPORTER X”

e os n.º 1 e 2

da “NOVELA POLICIAL”





# A Inquisição da beleza femi- ni- na



**N**UNCA lhe aconteceu, leitor, conversar lentamente com uma pessoa que conhece há muito, não sabendo, porém, de onde, nem quem é, nem como se chama? É uma tortura quase inquisitorial uma conversa assim. Sentimos tentações de perguntar ao nosso interlocutor: «Mas quem é você afinal?» «Diga-me o seu nome». «Não me intrigue por mais tempo». Um pudor estranho impede-nos, no entanto, de fazer estes apertes. Receamos passar por néscios.

Numa situação assim embaraçosa, quasi ridícula, em que cada palavra nossa nos produz a sensação de caminhar em equilíbrio-sobre um arame, sob a constante ameaça da queda fatal, nos encontramos nós, ontem à tarde, a uma esquina do Chiado.

Descíamos distraidamente a Rua Garrett, quando de súbito uma voz feminina, do outro lado, nos chamou:

— Mario!... O' Mario!...

Olhámos. No outro passeio uma senhora *chic*, luxuosa mesmo, acenava-nos com a mão sinal de nos aproximarmos.

Quem seria aquela senhora? Não nos era de todo desconhecida. A medida que para ela avançávamos mais se arreigava no nosso espírito a convicção de que não estávamos na presença de uma desconhecida.

— Então ainda te conservas por esta Lisboa ronqueira? — foram as suas palavras quando nos estreitou a mão, numa sincera alegria por nos tornar a encontrar.

Não havia a menor dúvida, eu conhecia perfeitamente aquela mulher. A sua imagem estava guardada numa destas gavetas cerebrais e poeirentas, que deixam de fazer uso durante muitos anos. Eu conhecia-a. O seu nome estava-me debaixo da língua. E enquanto ela, loquaz, me falava com entusiasmo, examinava-a melhor, fazendo um esforço enorme por rasgar o veu que me ocultava momentaneamente a sua identidade.

Era mais alta do que baixa, elegante, um rosto oval de epiderme impecável, uns olhos de figurino frances, uns lábios perfeitos, um nariz lindo, grego, sem uma deformação, de um equilíbrio de estatura helénica, e os cabelos — pintados — de um louro fulvo, brilhante, exagerado. No entanto, havia nela um que de impalpável que nos fazia pressentir que seria muito mais idosa do que aparentava.

Nós mal tínhamos tempo de interromper aquela loquacidade, com frases evasivas, muito em uso nestas dúbias situações: «Já se vê...» «É claro» «Evidentemente» «Não há dúvidas...» «Também o julgo»... E tratava-me por tu, o demónio da mulher!

Mas, pouco a pouco, desistindo já de reconhecê-la, comecei a notar que a conversa dela era particularmente interessante.

— Vim para matar saudades — dizia ela —

mas já me sinto aborrecida. Habituei-me ao turbilhão de New-York e não posso passar sem ele. A princípio custou-me, por fim habituei-me. Depois abri o Instituto de sociedade com Peterson. É um médico habilíssimo. Foi ele quem me transformou o nariz. Lembra-te daquele narizito arrebitado que eu tinha?

Fizemos um gesto evasivo, acompanhado de um sorriso que pretendia ser delicado. Ela soltou



uma gargalhada sonora, espalhafatosa, que escandalizou uma velhota que passava perto, e prosseguiu:

— Pois o dr. Peterson emendou-me o nariz. Arranjou-me este lindo apêndice nasal, de linha rigorosamente grega. Já lá vão seis anos que me fez esta operação. Foi a primeira que se fez na America. Começou assim, pelo nariz, a minha felicidade. Peterson fez com o caso um reclamo estrondoso nos jornais, grandes artigos acompanhados do meu retrato. Recebi inúmeras propostas de casamento; Peterson um número ilimitado de convites de várias mulheres ricas que pretendiam emendar o nariz. Eu encontrei o meu primeiro casamento. Meu marido era rico. Ao cabo de alguns meses, enganei-o... Enganei-o com Peterson. Não podia deixar de ser. Era o homem que me tinha feito bela. Requeri o divórcio, provei que meu marido me atraía, ganhei a questão, recebi duzentos mil *dollars* e formei uma sociedade com o dr. Peterson... e casei-me com ele.

— Curioso... — murmurámos.

— Muito curioso — acentuou ela contente. — Abrimos, eu e Peterson, um Instituto de Beleza, o primeiro instituto rigorosamente científico. Consultas caras, operações ainda mais caras. E o meu nariz — que é famoso em toda a America — atraíndo uma multidão ávida de beleza! Não havia já mãos a medir. Fomos alargando o âmbito das operações estéticas e, por fim, chegamos a ter cinqüenta e tantas pessoas hospitalizadas para curas mais melindosas, fóra a multidão das que iam à consulta para adelgaçar as mãos, polir as unhas, receber massagens, tingir os cabelos, depilar as sobrancelhas, rasgar a

bôca — porque se usa agora na America a bôca grande.

«O nosso instituto é o mais bem apetrechado de todo o mundo. Possuímos a máquina de emagrecer, espécie de prensa onde a cliente é metida e apertada durante um certo tempo, por dia. Essa prensa comprime e modela os corpos como se estes fossem de cera.»

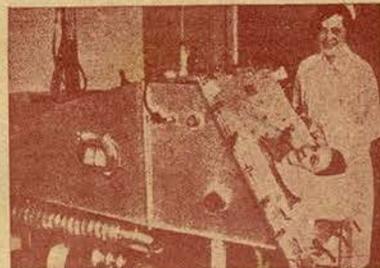
— Devem causar dores horribéis! — exclamámos, num arrepio.

— A's vezes — elucidou ela. — Só uma vez nos succedeu um precalço trágico. Mas a culpa não foi nossa. Metemos na prensa um mulher grávida. Mas a nossa responsabilidade estava ressalvada, porque ela ocultava o seu estado. De resto, todas as clientes que pretendem fazer operações de responsabilidade assinam uma declaração, afirmando que se submetem de espontânea vontade...

«Mas tu não podes calcular o que é um instituto de beleza moderno. O teu provincianismo lisboeta não te permite conceber estas coisas... O tratamento dos seios, por exemplo, está adiantadíssimo. Há casos em que as massagens dão óptimo resultado, outros em que intervem o bisturi: Quando estão muito caídos corta-se-lhes um pedaço da pele, emenda-se, cose-se — e os seios ficam erectos, virginais. Operam-se as pálpebras para tirar as rugas, rasgam-se os olhos, se são pequenos, cosem-se se são demasiado grandes. Fazem-se crescer as pestanas, estreitam-se ou alargam-se as ancas. E para tudo isto há máquinas, aparelhos, processos novos, rápidos, especiais. Faz-se correr sangue, arrancam-se, por vezes, alguns gemidos ás clientes, mas rara é a que lá vai uma vez, a medo, que lá não torne depois, confiante.»

Nós estávamos meio maravilhados, meio horrorizados. O que faz a ânsia de ser bonita! Para ser bela, a mulher a tudo se sujeita — até a torturas inquisitoriais. Se o tribunal do Santo Offício dissesse ás mulheres que vítmou que lhes torcia os ossos ou as queimava nas fogueiras, para as fazer mais bonitas, elas teriam todas marchado sorridentes para o sacrifício.

— Uma vez — contou a desconhecida — uma cliente gorda, deselegante, feia, apresentou-se no Instituto. Queria uma transformação radical. Fizemos-lhe a vontade. Esculpimos do seu corpo uma verdadeira Venus. Adelgaçamo-la, operá-



mos-lhe os peitos, tirámos-lhe as manchas da epiderme, arrancámos-lhe o buço, estilzámos-lhe os lábios, rasgámos-lhe os olhos, substituímos-lhe o nariz, diminuímos-lhe o tamanho das orelhas, alourámos-lhe o cabelo. Terminado o tratamento, que durou apenas quinze dias e custou somente vinte e cinco mil *dollars*, Daisy,

(Cont'ui na pag. 14)

# O BRUXO DO BARREDO

Uma digressão na companhia de um jornalista espanhol — Rua Escura, Pena Ventosa, Escadas do Codeçal, Travessa dos Gatos... — No coração do Barredo — Um marítimo loquaz — Lá vem o bruxo! — O terror numa taberna — Uma reza satânica — Os olhos que saltam das órbitas — Uma praga infernal — Cega, surda e muda!



O bruxo

VELHO éro nosso julgarmos que os estrangeiros, principalmente se possuem uma certa educação e um espírito observador e penetrante, quando visitam as nossas cidades mais importantes, se interessam pelas ruas largas, arejadas, movimentadas, tão parecidas umas com as outras em todas as capitais do mundo. O que lhes interessa é o inédito, o

típico ou o tenebroso. E' aí, nos bairros sombrios, que se experimentam grandes emoções e se desenrolam espectáculos deslumbradores ou terríveis aos olhos ávidos de sensações novas.

Por isso, quando, há meses, Perez Domenech, um jornalista espanhol, recém-chegado então das republicas sul-americanas, redactor principal da revista espanhola *Bolivar*, nos foi apresentado no Porto, propusemos-lhe nessa noite, depois de um jantar cordialissimo no Grande Hotel da Batalha, um passeio pelo labirinto tenebroso do Barredo.

Metemos pernas a caminho, por bécas e travessas, entrando nos tascos, espreitando os pátios mal iluminados, em cuja treva flutuavam sombras humanas que lembravam fantasmas. Domenech encontrava um sabôr típico inextinguível no nome das vias: *Rua Escura, Pena Ventosa, Escadas do Codeçal, Vela dos Cónegos, Escadas das Verdades, Travessa dos Gatos*.

— «Es definitivo!» — exclamava elle, achando muito bem posto o nome áquella travessa. O que Domenech achava *definitivo* era... a Travessa dos Gatos. Realmente, alguns bichanos espreguiçavam-se sonolentos no meio da estreita rua, outros trincavam descarnadas espinhas que velhas condoidas lhes arremessavam todas as noites.

Entrámos num tascos para beber uma caneca de «verdasco» e, de caminho, examinarmos a freguesia. A casa estava cheia. Das pipas, pintadas de verde muito brilhante, envernizado, o precioso liquido corria constantemente. A clientela, formada por rudes trabalhadores, tipos suspeitos e rameiras miseraveis, discutia, jogava graçozas torpes, numa algazarra indescritivel.

O espanhol, observando, exultava. Um marítimo, descalço, largo peito couraçado numa camisola de lã, levou a mão á boina, pediu licença, aproximou-se do balcão e encomendou ao taberneiro:

— Venha de lá meio quartilho!

E voltando-se para nós, numa rude amabilidade, perguntou:

— Os senhores querem utilizar-se?

— «Gracias» — respondeu imprudentemente o nosso companheiro.

O marítimo, antes de levar a caneca de louça branca á boca, inquiriu com simpatia:

— Vocemecê é espanhol?

E como Domenech lhe dissesse que sim, o marítimo, que estava loquaz, devido a inumeros quartilhos que teria bebido naquela noite, iniciou o relato de uma viagem que fizera a Espanha a bordo de um pequeno vapor mercante. Falou de Cartagena, de Barcelona, bebeu mais dois quartilhos dos quais nos obrigou a participar, recordou coisas de Cadiz e ameaçava não se calar mais quando uma voz se ergueu por sobre a algazarra, gritando:

— Lá vem o bruxo!

Calaram-se todas as conversas, repentinamente. Estampou-se em todos os rostos uma expressão de terror, de assombro, e todos os olhos se cravaram na escuridão da via.

Na porta emoldurou-se um vulto de homem, que parou uns instantes, passando o olhar, um olhar firme, quasi severo, por toda a clientela. Depois avançou a passo lento, afastando-se precipitadamente os que se encontravam no seu caminho. O taberneiro veio, todo respeitoso, inquirir do que desejava aquêle misterioso freguês. Um quartilho... O bruxo bebia um quartilho de vinho verde tinto, como qualquer mortal. Degluti-o de um trago, pagou e saiu.

Mal a sua silhueta desapareceu na sombra da via, toda aquella gente que durante alguns instantes se conservara calada, cabisbaixa, desentramelou a lingua. O bruxo era o assunto de todas as conversas.

Nós e o nosso companheiro ficámos intrigados



A bruxa prepara beberagens misteriosas

com aquella scena. Quem seria aquêle homem terrível que assim intimidava toda a gente? Aparentemente nada tinha de extraordinário. Uns olhos castanhos, bigode grisalho, boina cinzenta, corpo quasi franzino. Era uma fraca figura.

O marítimo, sempre verboso, é que nos esclareceu:

— Este homem faz bruxarias — disse elle, a meia voz, como que receando que o outro ainda o pudesse ouvir. — Olhe que há senhoras da alta que o mandam chamar para elle fazer bruxedos. E a mulher d'ele também é bruxa. A gente quando passa á porta d'elles, ali em baixo no pátio, faz sempre o sinal da cruz. Há quem tenha ouvido de noite ella, a Miquelina, a conversar com o Diabo, que lhe aparece a arrastar correntes.

O marítimo falava com uma convicção que não nos permitia sequer um sorriso sceptico.

— Não conhece o caso de um sujeito da Avenida da Boa Vista a quem os dois bruxos, o Miguel e a Miquelina, fizeram cair os olhos? Eu lhes conto.

E contou. Uma senhora, que vive na Avenida da Boa Vista, sabia que o marido tinha uma amante. Consumia-se em ciúmes e projectos de vingança. Um dia falaram-lhe no bruxo do Barredo. Mandou-o chamar. «Antes quero vê-lo cego do que sabê-lo amante daquela mulher», disse-lhe no auge do desespero a esposa atraçoada. O bruxo e a mulher fizeram uma série de bruxedos para arrancar ao tal sujeito aquella paixão. Trouxeram para o seu covil do Barredo pedaços de pão dentado pelo marido adúltero e deram-nos a babujar a sapos imundos que depois matavam e punham a secar ao sol, que até

metia nojo. Levaram bebidas preparadas de noite com ervas daninhas num caldeirão misterioso, sob a evocação do demónio, que o sujeito depois ingeria pela mão da esposa. Mas o homem não largava a amante. Um dia, viram o bruxo, com as feições alteradas, as mãos em garra voltadas para o céu, os olhos estrábicos, murmurando uma reza satânica que lhe escorria dos lábios de mistura com uma baba peçonhenta. Soube-se, depois, que a essa mesma hora o homem da Avenida da Boa Vista soltara um grito horrível. Fôram dar com elle de rosto banhado em sangue. Os olhos tinham saltado fóra e nas órbitas ócas havia apenas duas pastas sangrentas.

Domenech olhou-nos visivelmente perturbado. Uma rameira, de escrófulas purulentas sob os queixos, que se aproximara, escutando, contou por sua vez que o bruxo do Barredo, ao passar á porta de uma mulher grávida na Vela dos Cónegos, ouvira esta murmurar de mau humor: «Mau agoiro, lá vai o bruxo». Então o homem parou. Deitou-lhe um olhar afiado como a lâmina de uma faca e rogou-lhe esta praga:

— «Que essa criança que trazes no ventre nasça cega, surda e muda!»

Meses depois a criança nasceu. E a praga do bruxo cumpriu-se. E' essa pequenita que aí anda, que faz dó, a Ermelinda.

Todos têm medo de cair no desagrado do bruxo. Quando elle aparece, tudo emudece de terror. Evitam o seu encontro. Mas sempre que em suas vidas surge uma questão complicada que é preciso resolver, um inimigo que urge abater, uma mulher difficil que a todo o transe se quer conquistar, uma afronta que reclama vingança,



A mulher do bruxo, junto da casa onde habita

procuram-no em segredo e dão-lhe dinheiro, todo o dinheiro que elle exige.

O bruxo do Barredo é tão tenebroso como o bairro labirintico onde se acóia.

# O PRINCIPE DE GALES EM

NOTAS A MARGEM □ OS 3  
DETECTIVES DA COMITIVA □  
O PRÍNCIPE DO AMOR □ O  
MISTÉRIO DA IRLANDA □

O «caso da semana» foi, sem dúvida, a visita oficial dos príncipes ingleses, Eduardo e Jorge, filhos do rei Jorge V, que se demoraram algumas horas no nosso país — de regresso da sua larga viagem à América.

A reportagem dessa visita foi já feita, brilhantemente, em colunas compactas de prosa, nos jornais diários — que disseram tudo, não deixando escapar o mínimo detalhe, o mais insignificante pormenor.

Assim, ao Reporter X cabe tão somente o registo sintético do facto, acompanhando-o, possivelmente, de algumas considerações que são notas à margem da reportagem...

Que o príncipe de Gales é de todos os príncipes o mais popular e o mais singular — sabe-o toda a gente; que é também o gentleman europeu mais distinto — disseram-no-lo os americanos quando recentemente o tiveram entre eles; que é, finalmente, um dos homens mais felizes do mundo, por ser o herdeiro do trono do mais poderoso país — supõe a maioria dos portugueses que viram a sua figura delicada, que admiram o seu porte simpático, atraente, nada altivo, de pupilas azuis a sorrirem ingenuamente, a olhar as coisas com simplicidade — como qualquer outro mortal que não tenha um império por herança.

Nós que assistimos à sua chegada, que vimos os «reporters» apontando «notas», no afan da competição, que ouvimos o metralhar constante e quasi imperceptível das numerosas máquinas fotográficas, que presenciámos o trabalho de inúmeros operadores cinematográficos — sentimos a mesma impressão que sentiram todos os presentes: — que o príncipe de Gales era um homem feliz...

Mas, mais tarde, fóra já da influência que a recepção respeitosa nos deixara momentaneamente pairando no espírito, encontrámo-nos em face de complicado problema que desfez essa primeira impressão: — Será com efeito agradável sêr-se príncipe real, ser uma pessoa célebre que forçosamente imponha consideração e respeito a todos os outros homens?... Correr mundo sob os olhares curiosos da restante humanidade?... Ter, obrigado pelo protocolo convencionalíssimo, de mostrar sempre, no rosto, um eterno sentimento de prazer, de boa disposição, de agrado, de floretear palavras amáveis sobre a terra que se visita, de distribuir centenas, milhares de apertos

de mão a personalidades de elevada categoria social, agora apresentadas e logo esquecidas?...

A história dos povos elucidada-nos um pouco sobre o assunto. E pela nossa mente perpassam em fugidias imagens films recentes da vida de alguns príncipes reais... O príncipe Carol, abdicando do trono da România, preso dos laços de amor por qualquer formosa mulher... O príncipe Alexandre, da Grecia, subjugado pelo mesmo motivo sentimental, e abdicando também... O drama intenso de emocionantes fases do herdeiro do reino da Austria apaixonando-se violentamente por linda figura de mulher e o epílogo triste desses amores humanos — o suicídio do príncipe depois de ter morto, alucinadamente, a amante querida... E outros, e tantos outros...

E' assim a felicidade dos príncipes?...



Na comitiva dos filhos dos reis da Grã-Bretanha, vieram, além doutras individualidades, três «detectives» do «Intelligence Service» e, decerto, dos mais argutos de Inglaterra — o chefe Storrer e os agentes Crisp e White. A sua honrosa missão é das mais árduas, das mais perigosas e das que requerem excepcionais faculdades de inteligência, de energia e de sangue-frio. Estes três homens foram os encarregados de velar pela segurança pessoal dos dois príncipes, durante a viagem que ora finalizou...

Um desses «detectives» está publicando as suas memórias... Que de emoções violentas, de imprevistas surpresas, de subido interesse, de empolgantes curiosidades as páginas desse livro não conterão!... Sensações vibrantes que a época de loucura que atravessámos forneceu, decerto — pois pelo universo pululam milhares de espíritos desviados a propagandear ideias servindo-se de meios extremistas repugnantes a todos os espíritos bem formados...

Acreditamos que alguns dos momentos mais aprazíveis que o príncipe Eduardo

# O PRIMEIRO FUZILADO REPUBLICANO NO EM ESPANHA

Os revoltosos de Huesca — O capitão Manuel Abad, chefe da  
— Mãos patricias que assinam uma condenação à morte — Fuzi

Já alguém afirmou, e com razão, que o progresso não se faz sem sangue. O sangue dos mártires da ciência, da religião e da política é a força motriz do progresso. Para que a República em Espanha pudesse ser um facto real, incontestável, foi necessário que o sangue dos mártires a cimentasse. Talvez que se não tivessem caído em Jaca os capitães Galan e Hernandez o novo regime político da Espanha não se tivesse proclamado tão cedo. Mas antes destes mártires, outros houve na aurora da ideia republicana no país vizinho.

E' justo recordar, nesta hora de júbilo para «nuestros hermanos», a figura já quasi lendária do primeiro republicano fuzilado em Espanha. Para que a nova ideia triunfasse e Alcalá Zamora ascendesse à suprema magistratura da nação; para que Afonso XIII, ainda há poucos meses tão seguro da invulnerabilidade da corôa, abandonasse o campo sem travar luta; para que Romanones, o maquiavélico «az» da política espanhola, fôsse esbofetado pelas damas do Paço e abandonasse o Poder com o seu cortejo de caciques, quantas vítimas não foram pros-tadas no caminho da Liberdade, quantas lágrimas, quantas tragédias de há 83 anos para cá!

Foi em 1848 que o primeiro republicano morreu pelo ideal que triunfou agora. Governava a Espanha a rainha Isabel II cujas mãos patricias, feitas para acariciar,



D. Isabel II

não tremeram ao assinar a pena de morte para algumas dezenas de homens.

Em Huesca, no Alto Aragão, o célebre general Angeles governava duramente em

# LISBOA

passou em Portugal fôsem justamente aquêles em que no Estoril se entregou



ao prazer do «golf»... O príncipe de Gales é um apaixonado «sportman»... Enquanto jogava, várias formosuras da nossa melhor sociedade espiçavam-no de olhares indiscretos, sedentos de adivinhar intimidades. Fôram êsses olhares de mulheres portu-  
(Conclui na pag. 14)

revolta, entrega-se à prisão  
lado! A homenagem do povo

nome da rainha e do governo de Madrid. Um grupo de patriotas entusiastas, tendo à frente o capitão D. Manuel Abad, organizou a revolta, com grande fé no triunfo. Na data combinada, colocando-se à frente das tropas, lançou o pregão de revolta. Mas — o exemplo já vem de longe — o seu grito não foi ouvido, nem o seu gesto imitado pelas restantes guarnições comprometidas. A revolta fracassou.

Os revoltosos, vendo-se perdidos, fugiram. D. Manuel Abad ficou. Com um quixotismo bem espanhol e simpático entregou-se à prisão, num gesto de quem se suicida ao vêr seus sonhos desfeitos em pó. Oito dias depois, a 4 de Novembro de 1848, era fuzilado no lugar de Eras de San Martin, nas proximidades de Huesca, sem que pessoa alguma assistisse à execução. Outros revoltosos foram condenados à revelia. Alguns fugiram para Portugal, e entre eles veio Perez Garcia, que ainda vive em Ovar.

Assim terminou os seus dias o primeiro chefe republicano de Espanha. O seu sangue irrigou a terra fecunda onde o novo regime havia de medrar. A voz do povo prestou-lhe uma homenagem estranha, chamando a Eras de San Martin a «Terra do Fuzilado».

COSTA JUNIOR

# Um negociante sinistro

Guimarães, a formosa e veneravel cidade do Norte, é fértil em casos curiosos, em rádios sensacionais, que estão bem dentro da índole do Reporter X.

Este que abaixo transcrevemos, e que é da autoria dum illustre vimaranense que, nas horas vagas, se dedica ao jornalismo, vem juntar-se à série enorme que nestas colunas temos publicado sobre a vetusta urbe.

Fernando T. Mendonça é um indivíduo de baixo estôfo moral que se socorre de todos os meios, ainda os mais infames e repelentes, para engrassar o razoavel pecúlio que os mais escuros negócios lhe proporcionaram.

A sua profissão registada é a de oficial de Justiça. E isso tem-lhe valido a impunidade como prémio das maiores tropelias que tem cometido — porque o patife, esperto como é, consegue pôr-se sempre a coberto da lei.

Além da sua profissão oficial, o Fernando T. Mendonça possui um bem frequentado «restaurant», no qual, como «isca», pôs a servir duas das suas filhas — interessantes raparigas, de quem o pai se utiliza para realizar os seus repugnantes objectivos.

Dessa fórmula, uma das simpáticas môças, a quem trataremos por Maria, foi aqui há tempos desonestada por um importante industrial do burgo. Quando do facto soube, o pai, oportunista, negociante acima de tudo, procurou o referido industrial, dizendo-lhe:

— Você cometeu um crime grave na pessoa duma filha minha... A lei está por meu lado, permitindo-me tê-lo na cadeia, visto você ser casado... Mas, para evitar o escândalo, estou disposto a aceitar uma plataforma... Você dá-me, como indemnização, trinta contos e eu obrigo-me a fechar os olhos sobre a desgraça de minha filha... Se lhe convém, não tocaremos mais no assunto...

O «negócio» foi efectuado. O infame oficial de Justiça, na sua vasta colecção de casos escuros, tem ainda um outro semelhante, de que foi

DOIS CASOS CARACTERÍSTICOS QUE REVELAM A BAIXEZA MORAL DUM PAI

vítima inconsciente uma outra filha — a mais velha de todas.

Era casada com um conhecido comerciante, o qual, segundo é voz corrente, lhe infligia maus tratos.

Chegou aos ouvidos do Fernando T. Mendonça o mau viver que o genro dava à filha, pelo que o pai a convenceu a requerer o divórcio. A pobre rapariga, que a-pesar-de tudo gostava do marido, resistiu à princípio, acabando todavia por ceder em face dos insistentes conselhos do pai.

O seu progenitor só queria, de certo, o seu bem... pensou ela, confiando demasiado no carácter e no amor paternal dêle.

E foi para tribunal, vencendo o divórcio, e sendo o marido condenado a pagar-lhe uma indemnização de vinte e cinco mil escudos.

Alcançado êste «desideratum», o pai exigiu a retirada imediata da filha para o Brasil, locupletando-se com aquela verba que, por Direito, a Justiça atribuiu àquela.

Agora está o negregado pai tratando de forjar um novo negócio com a sua terceira filha, não permitindo que ela seja namoriscada por criaturas pobres, sem recursos, aproximando-a, pelo contrário, de indivíduos de reconhecidas posses, muito embora casados.

Eis, a traços largos, a crónica dêste miseravel, cujo lugar é entre ferros.

Guimarães, Abril.

MIGUEL VENANCIO

# O S A B I O



**A** TODAS as pessoas que recebem muita correspondência acontecem precalços idênticos ao que nos sucedeu há dias: abrimos uma carta que não nos era endereçada e só depois de lermos e estranharmos o seu conteúdo irmos examiná-la melhor o endereço do envelope e verificarmos que, sem querermos, cometemos uma indiscrição imperdoável.

Ora, uma manhã destas, depois de lermos extensíssimas laudas que, afinal, não nos eram dirigidas, e cujo conteúdo altamente interessante nos cativava, olhámos o sobrescrito e vimos que o carteiro nos trouxera uma carta que devia ter levado ao sr. Paulo Simões, morador na Rua da Prata, 185, 4.º-Di.º. O nosso primeiro impulso foi o de cumprir a nossa obrigação: reter a carta, assim, aberta ao seu destinatário, acompanhada

de um cartão nosso, pedindo-lhe mil desculpas de a termos aberto e afirmando (mentindo, é claro) que apenas leramos as primeiras linhas e verificámos que não nos era dirigida. O sr. Paulo Simões, que não conhecemos pessoalmente e que vai ficar muito surpreendido se ler o Reporter X (o que é natural, porque o lêem todas as pessoas que se prezam), principiava por não acreditar na nossa mentira e, se fingisse acreditar, nós, amarrados a essa mentira, ficaríamos inibidos de fazer uso das revelações sensacionais que a aludida carta continha e privaríamos os nossos leitores de tomarem conhecimento de um dos aspectos mais curiosos da nossa época de embustes de toda a espécie, de negócios que não lembrariam ao demónio, de episódios que encheriam de espanto os nossos avós se estes vissem na asneira de ressuscitar.

Da carta ocultamos todos os períodos que se referem a assuntos íntimos, questões de família, alguns deles bem melindrosos, certos de que assim procedendo, o sr. Paulo Simões, à disposição de quem temos a missiva que lhe pertence, relevará, perdoará a indiscrição que praticamos, publicando os trechos mais sensacionais e susceptíveis de interessar ao grande público.

Vamos à carta, pois, antes que se faça tarde...

## Um grande sábio alemão

Há seis anos, aproximadamente, travei conhecimento, em casa de um amigo de aqui (a carta é datada de Berlim), com um homem estranho já idoso, que me apresentou como sendo um dos mais famosos sábios antropologistas de todo o mundo. Chamava-se Otto Sterkmann; não sei se chegastes a ouvir falar dele. Logo nessa noite em que fomos apresentados, o sábio enfronhou-se numa conversa que eu percebi que horrorizava todos os presentes, mas que, a mim, me interessava particularmente. Falava com entusiasmo, quasi como volúpia, de esqueletos, da configuração dos crânios em várias raças e em várias épocas. Eu, a pesar-de leigo na matéria, como sempre tive propensão para assuntos desta natureza (lembras-te que eu era um bom aluno de Ciências quando andávamos na escola), estava interessadíssimo na dissertação do velhote.

Ele tinha um aspecto estranho. Usava uma barba pontaguda, já grisalha, o cabelo arrepiado para trás e uns olhos escuros. Tinha a aparência de um moço.

Quando lhe disse que era português, luziram-lhe os olhos.

— Têm passado pelas minhas mãos — disse-me — muitos crânios da península ibérica. Portugal interessa-me, porque já comeci a estudar os vestígios que os mouros deixaram no país. As suas colónias também são um manancial antropológico inapreciável. Talvez o senhor me possa ser útil. Se eu conseguir arribar dos meus achaques e sentir coragem para empreender uma longa viagem, o senhor há-de acompanhá-lo. Não conhece nada de antropologia?

E como eu, envergonhado da minha ignorância, lhe respondesse que não, ele, quasi paternal, disse-me:

— Passe um dia por minha casa. Tenho lá muitas coisas interessantes para mostrar-lhe e, de caminho, emprestar-lhe-ei alguns livros mais acessíveis para voce se familiarizar com o assunto. A antropologia é a mãe das sciencias.

O amigo que me apresentou a esta estranha personagem, antes de me retirar, nessa noite, chamou-me de parte e segredou-me:

— Homem, voce não vá a casa desse velho maníaco. Vem de lá horroizado... Aquilo não é uma casa, é uma catacumba.

## Em casa de Otto Sterckmann

As coisas tétricas, como sabes, meu caro Paulo, em vez de me intimidarem exercem sobre mim uma poderosa atracção, à qual difficilmente sei subtraír-me. Mais do que o convite do velho, as palavras do amigo que me apresentou fôram a mola oculta que me impeliu, uma noite, a Frederickstrasse, 58, onde o sábio residia então.

Examinei a edificação antes de entrar. Era um prédio pequeno, com segundas andar, de banal aparência. As persianas desceidas não deixavam filtrar nem uma restea de luz, dando a impressão



O professor Karl Ficher, pseudónimo do emigrado português Alfredo Santiago

de que a casa estava abandonada. A porta da rua conservava-se herméticamente fechada. Confesso que hesitei antes de tocar à campainha. Perto rondava um polícia. A presença da autoridade pareceu decidir-me. Premii o botão. Silêncio lá dentro. Nem mesmo o tinar da campainha se ouviu. Sentia-me intrigado. Estaria a casa realmente desabitada? Ia a premir de novo o botão quando a porta se abriu sem ruído e, com um barretinho turco no alto da cabeça, me

apareceu Otto Sterkmann em pessoa. Ao primeiro golpe de vista, não me reconheceu. Depois de se afirmar, sorriu e murmurou como se falasse com elle mesmo: — Der Portugütsch...

E mandou-me entrar, sorridente, amável como na noite em que lhe fui apresentado.

— Estou sozinho em casa — informou-me. — A minha creada, uma velhota que me serve há trinta anos, vai todas as quartas-feiras passar o dia em casa de um filho casado e só regressa quinta-feira de manhã.

E enquanto o seguia através de um corredor, elle ia dizendo, afável e jocoso:

— Creio que o meu amigo não se assustará com o que vir. Isto não é uma casa, é um museu.

Seguíamos por um corredor que terminava num pequeno salão, um escritório, cujas paredes se ocultavam sob estantes pejudas de livros, catrapácios de toda a espécie, numa horrível desordem; a vasta secretária coberta de papelada e livros e, servindo de pisa-papeis, duas caveiras, uma enorme, que deveria ter pertencido a um gigante anti-diluviano, outra pequenina, inverosivelmente reduzida, polida e branca, como uma maçã; e, por fim, a um canto, numa vitrine, de pé, amparado a um varão de ferro, um pequeno esqueleto, talvez de uma criança de quatro ou cinco anos. Efectivamente, pensei, este velho vive num ambiente macabro.

Seguindo talvez a curiosidade dos meus olhos, Otto, apontando-me, sucessivamente, a caveira grande, a pequena e o esqueleto minúsculo, esclareceu-me:

— Esta é a maior caveira anti-diluviana até hoje conhecida. O museu antropológico de Londres quis comprar-na por cinquenta mil libras e não lha vendi. E este craniozinho minúsculo enviou-mo um colega da Australia. É um fenómeno curioso. Pertence à época terciária e desmente, portanto, a versão corrente de que nessa época a estatura dos homens era maior do que a actual. Aquele esqueleto é seu compatriota. Veio de uma provincia sua, há pouco tempo, do Algarve, e foi encontrado numa cisterna de um castelo mourisco.

Olhei mais detidamente o esqueleto compatriota... e murmurei em tom de graça:

— Julguei que fosse o esqueleto de alguma das mulheres que Landru tivesse assassinado.

O velhote estremeceu, olhou-me uns momentos surpreendido. Como lhe suportasse o olhar, baixou a cabeça. Naquelle momento algo muito íntimo me dizia que tocara na fechadura do cofre que guardava um grande segredo daquele velho.

## Como se ascende à celebridade

Isto chega a parecer um sonho, meu querido Paulo. Garanto-te que a minha felicidade, esta felicidade pela qual lutamos tantas vezes sem resultado pratico, começou na noite em que visitei o velho sábio.

A casa daquele homem é um verdadeiro museu, como elle afirmou. À parte o quarto dele, o da velha ingénua e boa que o acompanhava, sem terror, familiarizada com o ambiente tétrico, a casa de banho, a cozinha e a casa de jantar, o resto são salões pejudos de vitrines com ossos, caveiras, túbias, casas onde as ossadas estão a monte, e um laboratório — onde elle, vim a saber mais tarde, falsificava esqueletos, fósseis, o demónio!

O velho tomou-me para seu ajudante, fez-me

# o negro ceia e m esqueletos

penetrar no segredo daquele imenso negocio, ensinou-me a falsificar e fez testamento a meu favor, com a obrigação de olhar pela creada enquanto ella fosse viva.

A principio, a ideia de ter que viver entre esqueletos acabrunhava-me. Depois habituei-me. Cheguei a criar-lhes amor.

Mas uma voz me dizia que qualquer mysterio, para mim indecifrável, mais do que a simpatia que o velho afirmava ter por mim, o obrigava a ser tão solícito para comigo. Mas não atinava com esse mysterio.

Enfim, como Otto Sterkmann se mostrava, pelo menos na apparencia, de uma amizade tão desinteressada, senti-me na obrigação moral de trabalhar, de ajudá-lo. Via que a attenção e o interesse que me mereciam os assuntos da sua estranha sciencia lhe davam íntima satisfação.

Poucos meses depois de entrar ao seu serviço, Otto caíu gravemente doente. Era uma enfermidade mysteriosa que deixara os médicos intrigados.

— Sabe se o seu mestre teve há pouco tempo alguma commoção cerebral forte? — perguntou-me o doutor Weiss, após alguns dias de exame rigoroso.

Respondi-lhe que não. Havia uns cinco ou seis meses que vivia na intimidade daquele homem. Não tinha pessoas de familia que o visitassem. Quem o procurava, sempre para assuntos scientificos, eram alguns homens de sciencia, graves catedráticos de palavra calma, que acatavam sem discussão as suas opiniões sapientissimas. Não me recordava, pois, de que tivesse tido qualquer motivo de exaltação.

— E' extraordinário! — exclamou o medico. — E' que o mestre (era assim que o tratavam) tem todos os indícios de estar atacado de uma febre cerebral, proveniente de grande commoção: disputa violenta, grande desgosto, terror, enfim, qualquer facto que lhe tivesse abalado profundamente o sistema nervoso.

Só depois do doutor Weiss se ter retirado é que eu, continuando a meditar nas suas palavras que bastante me intrigaram, me lembrei de que na ante-véspera de ele ter caído à cama se passara um curto episodio ao qual não liguei a menor importância.

Recordo-me de que elle penetrou no laboratório, onde me encontrava banhando com um ingrediente da sua invenção umas ossadas que tinham chegado na véspera e que elle vendeu mais tarde por uma quantia fabulosa fazendo-as passar pelos restos mortais de um Negro da Abissinia falecido em 1418. Vinha com ar preocupado.

— Tive agora uma visita bem desagradável — disse elle, tentando dominar a commoção que parecia querer embargar-lhe a voz.

— Sim?... — murmurei eu, sem interromper o meu trabalho.

— verdade — confirmou elle. — Era o Prefeito da Policia.

E calou-se.

— Que queria esse homem? — inquiri ainda.

Otto, visivelmente irritado, encolheu os ombros e respondeu com security:

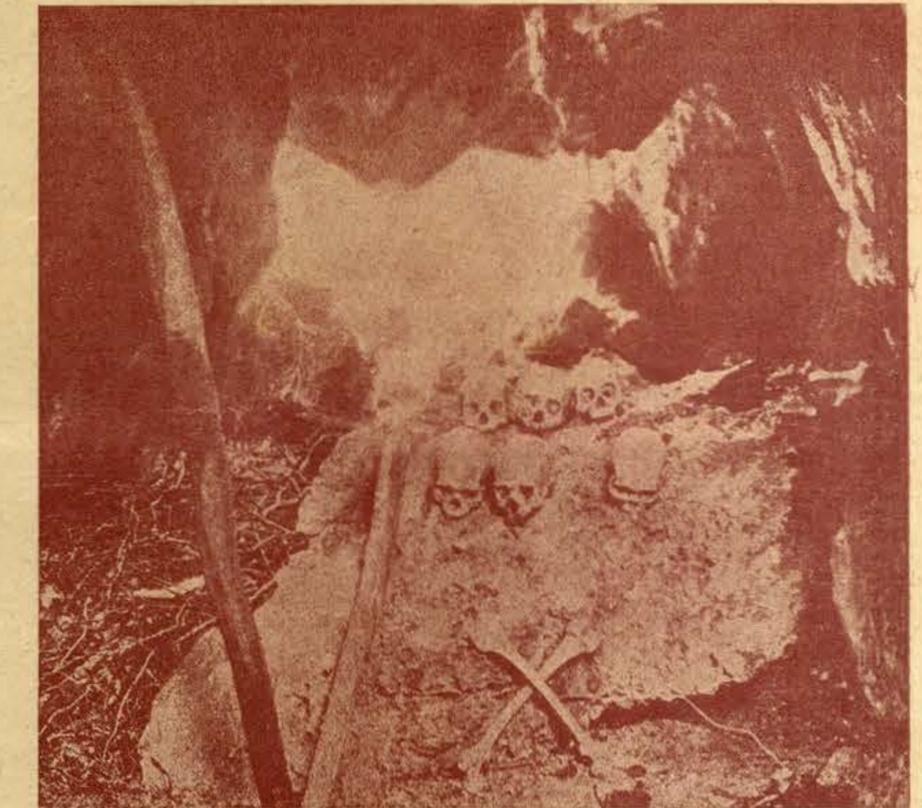
— Disparates! Disparates!

E retirou-se. Não tornei mais a pensar naquella incidente.

Sterkmann conseguiu daquela vez dar um pontapé na morte. A calma voltou a reinar naquella casa.

O incidente do Prefeito da Policia só me voltou ontem à memória, sem que pudesse, entretanto, decifrá-lo; mas pelo que adiante te contarei estou convencido de que as palavras enigmáticas do velho ocultavam qualquer coisa de muito grave.

Naquelle altura, porém, tudo esqueci. Enfronhara-me despropriadamente no trabalho, que já principiava a apaixonar-me.



Escavação onde recentemente foram encontradas ossadas de Incas, com mais de três mil anos de existência

cia para os museus e academias, citava descobertas minhas, e chamava-se seu discípulo e secretário. Criou-me, enfim, uma reputação. E quando faleceu, o ano passado, conforme havias de ter lido nas gazetas, deixou-me nas mãos toda a engrunagem da sua industria macabra.

Eis-me sábio sem ser sábio, célebre sem ser célebre, eu, o Alfredo Santiago, que usa o pseudónimo scientifico de Karl Ficher. Estás admirado? Sim, o professor Karl Ficher, doutor honoris causis da Universidade de Strasburg, onde em Janeiro foi recebido com todas as honras; o Karl Ficher, condecorado com a Legião de Honra e sócio de varias academias scientificas do mundo, entre elas a de Sciencias de Lisboa — é este teu velho amigo Alfredo Santiago, o mesmo que jogava a pedrada contigo nas quintas do Alto do Pina e que foi teu companheiro na Escola Academica! Guarda, porém, este segredo contigo. Deixa-me representar o meu papel até ao fim. Ai! o mundo é uma verdadeira comédia...

Mas esta relativa ventura, esta abastança não têm apenas uma face luminosa e atraente. Possuem também os seus espinhos, as suas agruras, as suas angustias. E é contigo, Paulo, que eu quero desabafar!

Como te disse, a primeira vez que visitei Otto Sterkmann notei que elle empalidecera durante

a conversação. Esse incidente esqueceu. Os anos quasi mo varreram da memória.

Pois ontem tive a explicação de tudo. Antes não a tivesse! Viveria mais tranqüilo na illusão da minha sabedoria e da minha fama.

Quem tudo deslindou foi Elisabeth, a velha creada, que passou para o meu serviço, conforme a última vontade do falecido.

— Tenho a impressão — disseram-lhe eu — que Otto, que Deus tem, não era bom para comigo só por amizade. Dir-se-ia que elle me receava...

— Pudera! — exclamou a velha. — Ele não havia de recear o sr. Karl! Pois se o senhor descobriu-lhe o segredo do Landru!

— Do Landru?! Explica-te...

Então, Elisabeth, atarantada, desculpou-se: — O sr. Karl compreende... Eu não meti para aí prego nem estôpa. O negocio era lá entre ambos. O sr. Landru mandava-lhe os ossos já preparados e o sr. Otto pagava-lhos, bem pa-

(Conclui na pag. 14)

# A VOLTA AO MUNDO por um leitor do

## REPORTER X

**E'** muito curiosa a segunda carta que o leitor do Reporter X nos enviou com as suas impressões de viagem, a grande viagem à volta do mundo que ele iniciou por Paris. Esta carta reproduz bem fielmente a figura ridícula que o bom português faz quando vai pela primeira vez àquela grande cidade. Todos os que já tivemos a felicidade de ir a Paris, com alguns francos no bolso e bastante sangue na guelra, nos sentimos retratados nesta carta.

«Meu prezado amigo:  
Não me conformo com a ideia de quedar burguesmente no salão de jantar do Aldolphic Hotel. O banho que tomei logo à chegada deu-me novos alentos, novas energias. Ficar no hotel, sabendo que ali fóra, a dois passos, corre Paris, com as suas mil aventuras por mim ignoradas? Nunca!

Decido-me a ir jantar fóra, em qualquer restaurante bulicoso, estuante de vida, pleno de imprevisão. São sete e meia. E' a hora do aperitivo. Vou tomá-lo a qualquer parte, menos no hotel. Depois veremos...

As esplanadas dos cafés estão apinhadas e pelos passeios polidos desliza metódicamente, sem confusões, sem paragens, com um ritmo bem marcado, uma multidão completa — uma multidão de cortejo. Entro na *bicha*; integro-me como uma molécula naquêlo todo e sigo a linha dos «boulevards». Sobressaindo do rolar soturno da multidão chegam ao meu ouvido os pregões arrastados dos vendedores de jornais:

— Paris Sport... L'Intran... La Presse...

Detenho-me. Estou à porta de um café ruidoso. Entra e sai gente sem interrupção. Instintivamente deslizei lá para dentro. Não pude reprimir uma exclamação de contentamento. Estava no café *Napolitano*, o célebre *Napolitano* de que fala Gomes Carrillo, o *Napolitano* dos artistas, dos escritores franceses e estrangeiros. Senti-me satisfeito por respirar aquêlo mesmo ar que grandes homens de talento têm respirado. No entanto, algo me segredava que uma aventura me esperava essa noite. Onde? Não sabia. O *Napolitano* não era local próprio para aventuras. Servir-me-ia, quando muito, para tomar um aperitivo. Foi o que fiz, à pressa. Uma palavra bailou-me no cérebro, tão fascinadora como os inúmeros anúncios luminosos que, lá fóra, trepando e descendo pelas paredes, pirilampeando várias côres, anunciavam as coisas mais variadas e algumas bem disparatadas. Essa palavra era Montmartre. Sim, iria para Montmartre, para o *quartier* da boémia romântica, dos estudantes alegres, dos artistas estuados.

No «taxi» — um velho «taxi» parisiense — tentei pôr calma aos nervos. Conviра ser metódico como um inglês. Iria gozar, mas por *Itapés*. Primeiro, iria jantar. Onde? Resolvi perguntar ao *chauffeur* no meu francês «quanto ano dos liceus». O homem rosnou um nome. Pareceu-me um nome ridículo. Só quando o automóvel parou à porta do restaurante verifiquei que os meus ouvidos, a pesar de inexperientes na giria parisiense, não me tinham enganado. Aquela grande casa de pasto — enorme para nós, lisboetas, habituados às acanhadas locandas de Lisboa — chamava-se *Tête de l'âne*, Cabeça de burro. E' um restaurante relativamente modesto — médio — em Paris; seria um grande restaurante de luxo em Lisboa.

Janto. Será preciso, meu amigo, reproduzir-lhe aqui o *menu*? Janto mais com os olhos do que com a boca. Há uma multidão ávida que nem sequer se dá ao trabalho de me examinar a mim, pobre estrangeiro. Perdão, mentia. Alguem

me examinava, e com simpatia. Era uma mulher que, muito elegante, grenha loura e frisada, lábios vermelhos e em feitiço de coração de carta de jogar, me mirava curiosamente. Estava na mesa imediata, quasi ao alcance de mão. Havia nos seus lábios um sorriso franco, muito leve e ingénio. Senti que o coração me palpitava desordenadamente. Seria aquela a grande aventura que pressentira ao chegar ao hotel? Para tomar coragem pedi mais uma garrafa de Borgonha, um vinho delicioso. Não sabia se havia de lhe dirigir a palavra. Ela parecia uma senhora honesta. Mas como me tinham dito que em Paris as raparigas honestas gozam a mesma liberdade que um rapaz em Lisboa, escolhendo livremente os seus companheiros de ceia, de «cabaret» ou de *cinéma*, tomei fôlego e sorri-me. Sorri-me e corei. Ela, então, abriu mais o seu sorriso e, atentando melhor na minha epiderme trigueira, nos meus olhos escuros, no meu todo, enfim, dirigiu-me uma pergunta:

— *Etes-vous étranger, Monsieur?*  
Respondi-lhe que sim, que era estrangeiro.  
— Sou português, de Portugal...

E puz um certo orgulho ao pronunciar o nome da minha pátria.

Ela, com a ignorância mais gentil que conheço, disse-me num ar entendido:

— Bem sei, lá em baixo, na Turquia...

Suzette, assim se chama a loura francesa, é encantadora. Ao cabo de dez minutos, entendiamos-nos às mil maravilhas. Contou-me que era chefe de corte de um atelier de modas. Fazia uma vida independente e dispunha-se a acompanhar-me durante algumas horas para me servir de cicerone, porque eu era um rapaz galante e simpático. Partimos como dois rapazes boémios. Mas, no meu coração vibratil de português, algo me segredava que daquêlo encontro ia nascer uma paixão romântica, avassaladora. Sonhava-me já percorrendo o mundo inteiro pelo braço daquela mulher deslumbrante.

Foi ela quem deu ordens ao *chauffeur*. Poucos minutos depois apeavam-nos junto de um «cabaret» célebre, um «cabaret» que se mostra a todos os estrangeiros e que você, querido amigo, deve conhecer de cor — o *Caucasien*.

O *Caucasien* é uma linda armadilha para nos apanhar dinheiro. Respira-se um ambiente de grande «film» russo. Eu não sei se aquela compararia com trajos do Cáucaso eram russos autênticos. Tinham um aspecto disso com os seus gorros de peles e os seus bigodes façanhuados.

Suzette, sempre gentil, sempre delicada, devorou-me algumas taças de *Champagne*. Achei bem. Ela fez-me uma proposta para me *amusee* — para me divertir. Além do «cabaret», muito elegante, havia em baixo o *caveau*. «*Il y a des apaches*», disse ela para me excitar. E segui-me o seu fim. Era uma coisa com que eu sonhava havia muito: ver na minha frente *apaches* autênticos.

— São perigosos, às vezes — acentuou Suzette. — Mas eu gosto dêles assim. Adoro as grandes sensações. E você?

Eu? Procuo o perigo por gosto. Sentia renascer no meu peito o português valente. Descemos ao *caveau*. Era um ambiente ordinário de taberna. Pelas mesas, mais toscas, grupos de *apaches*, êles com o seu clássico lenço vermelho ao pescoço, elas, fumando, de cotovelos fincados no tempo das bancas, ante cálices de

bebidas fortes, o aventalinho curto e as saias ainda mais curtas a mostrarem os joelhos bem torneados. No entanto, estavam todos escovados e engomados como se aquelas vestimentas ti-



O Arco do Triunfo em Paris

vessem saído minutos antes de qualquer guarda-roupa.

O ambiente não era agradável. Serviram-nos licores. Alguns pares, muito requetados, muito gingões, dançaram. Uma ordinaronna, com voz de homem, entou no meio da sala uma canção canalha, muito parisiense. Suzette parecia-me divertidíssima. De súbito, estalou o ruído sêco, cortante de uma fôfeta. Ergueram-se de roldão, homens e mulheres, numa gritaria ensurdecedora. O *cabaretier* um gordo, cara rapada, tipo de antigo cocheiro, berrava que queria silêncio e ordem. Ninguém lhe obedecia. Tudo por causa da cantadeira. Qualquer questão de ciúmes que nunca cheguei a perceber bem. Um malandrão deixou-se cair sobre Suzette. Senti-me português. Ergui-me e atirei-me ao patife. Redobrou a algazarra, partiram-se copos e garrafas.

Por fim, o *cabaretier*, ajudado pelo pessoal da casa, conseguiu impôr ordem. E esforçando-se por ser gentil, pedia-me uma indemnização de mil francos pelos cristais partidos, fóra as bebidas. Protestei. Vi olhos ameaçadores.

— Mas não há uma autoridade que interve-

nia? — inquiria eu, já arrependido de me ter deixado arrastar aquêlo entro.

Percebi que a desordem iria recomêçar. Suzette desaparecera. Senti-me só, perdido, aban-

(Conclui na pag. 15)

# ORGANIZADORES

# DE



Jean Dubois

# MANIFESTAÇÕES

**N**ÓS, os portugueses, que somos sinceros, espontâneos, generosos, não compreendemos, não aceitamos — por natural repugnância do nosso temperamento — certos aspectos da vida materialista do estrangeiro. Actos que lá fora se praticam com a maior naturalidade, a nós, parecem-nos, senão crimes, pelo menos, desalegâncias morais.

Podemos lá admitir, por exemplo, que na *première* de uma peça, em Paris, os aplausos sejam pagos a tantos francos, segundo a categoria da pessoa que aplaude? Pois isso é corrente. Pagar-se ao conde Z, ao novelista H, ao funcionário B, tantos francos para aplaudir, embora sobriamente, mas por forma bem visível, uma peça que se estreia — uma peça que às vezes mereceria os mais rasgados e sinceros aplausos! E' que a multidão lá, como um pouco em toda a parte, vive de sugestões. E quando pessoas de elevada categoria social aplaudem um espectáculo, o néscio, o pobre-diabo, o que paga o seu bilhete, o que vai disposto a ser sincero deixa-se arrastar pelo exemplo que vem do alto, e como o Conde, o novelista conhecido, o funcionário respeitável bateram palmas directas — ele bate palmas ruidosas. Nós também temos em Portugal a *claque*, mas esta exerce cá muito menor influência sobre os espectadores do que as *clagues* modeladamente organizadas em Paris.

Mas o aspecto mais bizarro, mais curioso e extravagante do espírito mercantilista estrangeiro, infiltrado em questões onde só deveriam intervir desinteressados, é sem a menor sombra de dúvida o das manifestações públicas. Misturados com os inocentes, com os entusiastas, há sempre, metodicamente desseminalados, um batalhão de espertos, de *claqueurs*, pagos a tanto por cabeça, para entusiasmar, para *agucar*, para arrastar as multidões até ao entusiasmo delirante, apoteótico. E' interessante notar, então, que as mesmas caras que aparecem afoqueadas no Quai d'Orsay, a vitoriar, a saudar com os chapéus no ar o *Sha* da Pérsia, são as mesmas que vão dar no dia seguinte vivas ao Presidente da República da Nicarágua — como se o verdadeiro parisiense fizesse sequer uma páliida ideia do que são ou onde ficam a Pérsia e a Nicarágua... Interessa-lhes, sim, receber alguns francos para exprimir aquêl entusiasmo.

Na America do Norte, quando Lindberg, após a sua viagem sobre o Atlântico, regressou a New-York, a população newyorkina tributou-lhe uma manifestação espontânea, apoteótica. Isso não impediu que o comité que organizou as festas da recepção gastasse só com os comparsas cerca de 150.000 *dollars*, qualquer coisa parecida com três mil contos. Mais de dez mil manifestantes foram pagos a dez *dollars* por

cabeça. São estes homens e mulheres, porque também as há profissionais do entusiasmo, que provocam os gestos comoventes, que levam os heróis em triunfo, que inundam de flores as carruagens dos homenageados.

Em Paris, quando se trata de fazer uma manifestação de agrado a um rei — mesmo que ele seja do Afaganistan — os profissionais podem contar com uma ajuda valiosa e desinteressada: a dos *camelots du roi*. Estes cavalheiros, monarquicos, cegamente monarquicos, aproveitam o ensejo da chegada de qualquer rei para soltarem impuneamente, em pleno Paris, «vivas ao rei» — *vive le roi!* — tal como os republicanos fizeram em Lisboa quando da visita do Presi-

agitavam, e até quem proferisse discurso à beira da campã. Um jovem conferenciista que desejasse lançar-se com êxito encomendava-lhe «um público escolhido e atento», que sublinhava com graves acenos de cabeça as passagens mais profundas, mais sábias, transcendentes da conferência.

Dubois arranjou mais tarde uma derivante do seu negócio: as grandes multidões para cinema. Chegava a fornecer à Pathé e à Gaumont scenas inteiras de multidões religiosas, de multidões romanas, de multidões revolucionárias, de multidões místicas, etc. Fez rios de dinheiro com as manifestações. Não sei se ainda existe o sr. Dubois, esse homem impar, de ar ingénuo e simpático, chapéu mole amolgado no alto da cabeça, olhos a escorregarem para a ponta do nariz. Suponho, no entanto, que ainda é vivo e que mantém o negócio. Paris não podia passar sem ele. Quem organizaria depois as manifestações «espontâneas»?

Como nós, os portugueses, somos diferentes na expressão do nosso sentir colectivo!

Povo habitualmente reservado nas suas paixões, que só as manifesta quando impulsionado por um forte sentimento, as nossas manifestações atingem elevado grau ao produzirem-se e assinalam-se sempre pela sua sinceridade e elevação, quer pelos seus intuitos políticos quer pelos seus movimentos de generosidade. E esta raça lusiada tantas vezes desgraçada e sofredora — ergue-se a cada passo mais latente, mais re-

dente Loubet, que soltavam vivas à República, em plena monarquia...

Conta-se que D. Carlos, que teve se suportar, durante essa visita, todos os vivas à república que lhe lançaram em rosto, sob pretexto de vitoriarem o ilustre visitante, ao retribuir, em Paris, a visita de Loubet, e ouvindo os *camelots* darem vivas ao rei, murmurava, contente, vingado:

— Assda-te a esse guardanapo

Artur Pinheiro, um condiscipulo nosso, que a séde de aventura levou muito novo por esse mundo, obrigando-o a procurar as profissões de momento mais extravagantes para ganhar o pão de cada dia, residiu muito tempo em Paris e ali conheceu de perto um organizador de manifestações. Possivelmente Artur Pinheiro também teria dado vivas, mediante alguns francos...

Havia em Montmartre um homem — contou-nos esse antigo condiscipulo — que vivia bem, só de organizar manifestações. Ele tinha por sua conta, pronta à primeira voz, uma verdadeira multidão. Chamava-se Jean Dubois e tinha o ar ingénuo e suave de um padre protestante. Usava uns olhos redondos e investia-gava as qualidades dos seus comparsas fitando-os por cima das lentes. No tempo em que vivi em Paris, a média que pagava a cada comparsa era de cinco francos por cada manifestação. Dubois andava sempre em dia com as partidas e chegadas das pessoas de grande prestígio pessoal ou político das várias nações. Em vespéras de manifestação era sabido que ele visitava em segredo as legações... A maioria das legações já conta com essas despesas nos seus orçamentos...

Este Dubois era um *virtuose* das manifestações *espontâneas*. Se se tratava, por exemplo, de uma grande bailarina ou «coupletista», e o empresário pagava bem, ele preparava recepções, cheias de graça, com flores, com ditos de espírito na boca de certo comparsa elegante (que os jornais reproduziam a tanto por linha), com scenas empolgantes, etc. Se era necessário acompanhar um morto ilustre à última morada, ninguém melhor que Dubois sabia escolher *caras de entérro*, faces glabras, olhos empapados de lágrimas, arcabouços que fundos suspiros



Uma manifestação «espontânea» a vago rei, em Paris...

moçada e mais viva, como se os cataclismos não fôsem senão uma simples partida de crianças jogando às escondidas num terraço...

— Sabes? — disse-nos o Pinheiro rematando a conversa, com ar grave. — Já pensei montar um negócio semelhante em Portugal...

Nós não nos propomos para seu sócio...

M. D.

## NOVELA POLICIAL

Director: REINALDO FERREIRA  
(REPORTER X)

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

# O homem que enganou

A vida de Artur Conan Doyle, o verdadeiro criador de Sherlock Holmes (falsificadores houve e há muitos), é um estranho folhetim, um folhetim como os que a sua prodigiosa imaginação criou, um folhetim que continua depois dele ter falecido.

Conan Doyle vivia de maisiado pela imaginação e pela alma. Os seus livros, essa alma e imaginação por vel,

ma. onde essa alma se relevam forma admirável bem a prova do que afirmamos. Há anos, o popular escritor, com assombro de todo o mundo que o lia e espreitava indiscreta e curiosamente para a sua vida particular, abandonou a modalidade de literatura que o tornou célebre, desprezou um público enorme para cuja voracidade inesgotável ele despejava sucessivamente toneladas de papel onde se imprimiam as histórias mais fantásticas, mais tenebrosas, mais alucinantes — para se dedicar a um outro género de literatura absolutamente oposto. Sujitou-se ao risco de deixar um género a que a sua pena estava habituada e que tinha um acolhimento entusiástico no mercado literário para enveredar por assuntos ainda estupendos, espantosos, mas de carácter rigidamente científico. Conan Doyle fizera-se espirita — um espirita sincero, convicto, obcecado.



Uma materialização

Como se operou tão rápida e estranha modificação naquele espirito, que empregara longos anos a fantasiar assuntos, sem pretensões a transcendentalismo, terra-a-terra, acessíveis aos cérebros mais simplórios?

Um grande abalo moral preparou o terreno espirital para aquela reviravolta de ideias. Morreu-lhe um filho, um filho querido, carne da sua carne, espírito do seu espírito. Foi durante esse transe aflitivo, em que o desespero faz procurar a quem sofre as mais falazes ilusões, como se estas fossem as verdades mais sólidas, que dele se aproximou um homem sinistro, um malabarista da frase, um suggestionador irresistível, que lhe disse:

— O pranto e a dor pela perda de um ente querido são impróprias de um espírito superior como o seu. Para além do mundo visível, palpável, outro mundo existe, onde as almas,

desprovidas da materialidade grosseira, se perpetuam eternamente felizes. Dúvida? Apresento-lhe provas.

O homem que assim falou à imaginação facilmente inflamável e à ansia de consolação daquele pai extremoso era um mistificador, um ilusionista de novo género, e chamava-se Nino Pecararo.

O estado moral de Conan Doyle pouca resistência poderia oferecer. Vieram as provas. A alucinação das sessões espiritas, desenroladas em ambiente tenebroso e entre sombras propícias; as visões — quem não as teve, pelo menos, uma vez na vida? — a que a imaginação excitada do escritor era propensa; a leitura obcecante de tratados de espiritismo que são de uma sugestão irresistível, fizeram o resto. Na alma de Conan Doyle instalou-se para sempre uma nova convicção religiosa que Nino Pecararo, que tem ganho uma fortuna com as suas adivinhações de «medium», com os seus transes invulgares, cultivava com persistente cuidado.

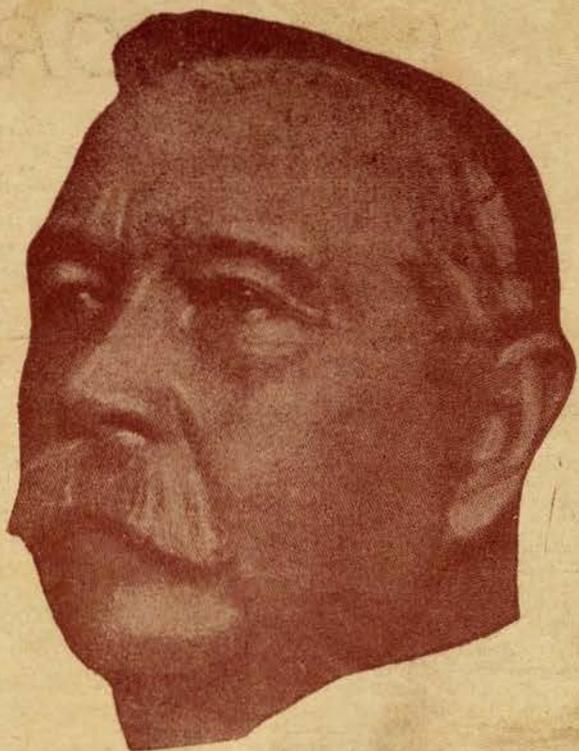
A esposa de Conan Doyle, espirito ainda mais fraco e suggestionável, deixou-se arrastar com o marido para a convivência dos fantasmas, que, com o hábito, passaram de terríveis a amáveis. Nino, que é um desenhador invulgar, fingiu-



uma aparição espirita, numa sessão em Londres

do-se em transe, escrevia as transmissões do Além, com letras das almas transmissoras, as mais variadas, as mais difíceis.

Conan Doyle, então, inunda o mundo com os seus escritos científicos, fundamentando as



Conan Doyle

suas asserções sobre factos a que os seus olhos sinceros assistiram e que o mistificador sabia preparar. Funda em Londres o Museu Espirita, que o nosso Director visitou (\*), e onde se encontram fotografias de materializações (fantásticas? verdadeiras?) espiritas, desenhos, objectos, que de todo o mundo se apressaram a enviar-lhe ou para caçoarem ou para obrigarem os visitantes a converter-se à nova religião.

Artur Conan Doyle, cada vez mais preso às coisas do Além, já não vivia senão para o mundo dos fantasmas. Se um dia uma prova irrefutável, clara, evidente, de que tudo em que vinha acreditando era uma ficção surgisse aos seus olhos, o escritor, sensível como era, succumbiria, estamos certos. A morte surpreendeu-o absolutamente crente. E, iludido, morreu feliz.

Sua esposa, ao ser entrevistada pelos jornalistas — já neste jornal nos fizemos eco desta versão — no próprio dia do enterro do marido (que ela acompanhou à última morada vestida como se fosse para uma festa), declarou: — «Não consinto que ninguém me dê os pésames. Despedi-me de meu marido sorrindo-me, como ele se sorria — felizes ambos porque temos a certeza de que ele foi para um mundo melhor do que este. Nem sequer a saudade da separação nos affligia porque nós podemos e sabemos comunicar um com o outro, todos os dias, como quando ele era vivo. Já esta manhã estive conversando com Artur a propósito do seu enterro...»

Pobre esposa! Que comoção, que queda enorme de ilusões, que angústia ela não teria sofrido ao saber que Nino Pecararo, o «medium» que recebia as comunicações do Além, não recebia afinal comunicações de qualquer espécie! Que tudo era forjado por esse homem infernal! Que todas as palavras de esperança que o marido lhe transmitia eram falsas, eram blague cruel, brincadeira satânica de um souteur de ilusões!

(\*) — Ler o artigo «Um museu de fantasmas» publicado no número 29 do Reporter X, de 21 de Fevereiro do corrente ano.

(Conclui na pag. 15)

# 4 ALFAMA, BAIRRO DA FATALIDADE

No século da civilização e do progresso — Mãe que se perde por amor da filha, filha que se perdeu porque perdeu a mãe — O «Lavrador» — Vigarista metódico — O «negócio» do quadro raro — Os tatuados — O «Falta d'Ar» — Duelo à facada por causa de uma mulher — Hospital, Morgue & Degrêdo

# ENTRE OS «RUFIAS» DE LISBOA

comer aos seus... Suicidas inconscientes, réprobos do mundo, amaldiçoados da sociedade — que pavoroso estendal encena estas ruas sombrias e emporcalhadas, viciadas e envelhecidas...

Há maldade, perfídia, tenebrosidade, em Alfama? Há! Mas há também miséria, desgraça, infortúnio...

Olhai aqui este romance e digam-me depois se há, porventura, algo mais pungente:

Margarida é uma pobre pequena que vive num cubículo imundo do Bêco do Carreiro. Tem 16 anos, e da vida já conheceu o seu lado bom, relativamente. Teve pai — um pai que se embriagava todos os dias, quem sabe se para não assistir ao desmantelamento do seu lar. Pedreiro de ofício, um dia caiu de um andaime, de grande altura, vindo estatelar-se cá em baixo, na rua, com os ossos amolgados, num feixe disforme, e as carnes enrodilhadas num charco de sangue. Padeceu muito durante dois dias, para no fim vir a morrer, no meio de horrores, no catre de um hospital qualquer. Ficou-lhe ainda a mãe. E esta, para a manter, foi servir a dias. Depois, numa ocasião de fatalidade, há dois anos, a pequena Margarida adoeceu — parece que gravemente. A mãe, como pôde, lá a levou ao colo à consulta grátis de um hospital. Prognosticaram-lhe a doença e deram-lhe uma série de instruções quanto à maneira conveniente de a tratar — para que ela se salvasse. Mas, e dinheiro? Onde iria ela arranjar dinheiro para os remédios que custavam caros?... Implorou auxílio a uns e outros, inutilmente. Os corações, como as portas, fechavam-se à sua desdita, eternamente empedernidos. E, de certa vez, quando trabalhava numa casa, vendo uns dinheiros abandonados sobre uma cómoda sentiu uma tentação diabólica, invencível, a tordar-lhe o cérebro, a dilatar-lhe os olhos. Se pudesse! A visão da filhita doente, a sorrir, amarrada ao mísero leito, sozinha lá em casa, sem ninguém a cuidar dela, torturava-a obcecantemente. Decidiu-se. Roubou o dinheiro — quarenta e tantos escudos. Seguiu-se o que é de uso e lei em casos tais: a polícia, a prisão, o tribunal, e foi condenada. Cumpre três anos de cadeia. Lá está nas Mónicas a ferros, esperando o momento da liberdade... E entretanto a filha, já curada, sem ninguém que a aconselhasse, foi descendo os últimos degraus da Moral, encharcando-se de opróbrio, atascando-se mais e mais no formidável atoleiro, integrada no infundável batalhão de meretrizes.

Hoje dolorosa *trotteuse* dos *squares* da infância, vive amebada com um rapazola vadio e madraceirão que a espanca periódicamente, levando-lhe em troca o dinheiro que ela afeire de noite, pelas vielas... Fala uma giria depravada e tem modos acanhados e andar gingão...

Existem dezenas de casos destes nos bastidores de mágica da velha Alfama das surpresas.

## O grande engenho do «conto do vigário»

Um dos mais representativos plenipotenciários da ralé social, que teve ocasião de conhecer em Alfama, figura no cadastro secreto do sítio com a alcunha de «Lavrador». Se houvesse escala hierárquica na imensa constelação do Crime, o «Lavrador» seria, talvez, *star* de primeira grandeza, com fulgor próprio, porque é um autêntico mestre na sua especialidade — a burla. Se lhe perguntarem qual é o seu nome de baptismo, creio que não saberá responder, habituado como está a que lhe chamem, apenas, «Lavrador»... Tem mil e um processos de vigarizar. E aparelhando com a sua talentosa habilidade de insinuação possui uma prodigiosa fantasia — sendo graças a essas duas facultades aliadas que consegue realizar maravilhosamente os seus intentos. É um digno emulo de Fajardo — o afamado precursor do «conto do vigário» em Portugal —

o qual, se ainda existisse, o invejaria pela certa. Tem 36 anos e nunca foi preso por burlão — muito embora já conta umas cinco ou seis prisões. Não é filho de Alfama — vivendo aqui como poderia viver na Baixa ou nas Avenidas Novas. O seu campo de manobras é quasi sempre nas estações ferroviárias da capital. Outras vezes viaja pela província, disfarçado em lavrador — e aqui a razão da sua alcunha — para melhor captar a confiança das suas vítimas — algum pacóvio bronco ou «esperto» negociante. Volta e meia não desdenha também efectuar proveitosos «raids» à Baixa «boulevardesa», a colher na rede algum comerciante ganancioso ao qual acaba sempre por ferrar grossa partida. Experimenta assim — explicou-me rindo — a sua capacidade de persuasão...

Ele próprio, numa noite de confidências, iniciava-me nos altos segredos da sua especialidade, contando-me vários casos típicos, interessantes,



O «arranha-céus» da Rua dos Bacalhoeiros, notável pelo estilo das suas varandas

heróis de antanho... E quedo-me a cogitar na mentira do Progresso, na grande mentira da solidariedade humana...

Pois se ainda hoje existem bairros como o da Alfama, no mundo, como há-de ser verdade a civilização?... — penso. Bairros alicerçados em miséria, argamassados em crimes, construídos sobre lama — bairros lancinantes de emoção, onde desfilam dramas intensos de vibrações dolorosas, mistérios que, decifrados, causariam calafrios nas almas mais fortemente couraçadas contra o imprevisível; tragédias arrepiantes, soluçando ineditamente, gotejando horrores, pingando desesperos...

Que de sensações violentas o meu íntimo não registou nos três curtos dias de reportagem neste bairro-refúgio, cujo viver ando auscultando, sentindo-lhe as pulsações, nesta «querresse» aflitiva e berrante do *bas-fond* da vida!

É certo que o Crime é aqui o imperador implacável dos homens, e a traíção aguarda pelas esquinas o transeunte desprevidido... Mas, a par disso, quantas lágrimas, quantas dores, quantas agonias latentes, moribundas, não se escondem envergadas por estas mansões escuras — que são tuteladas da Morte... Operários sem trabalho curvados ao seu drama obscuro... Tristes entes amarrados a desconfortáveis enxergas, alimentando com as suas carnes poltres incuráveis doenças... Desgraçadas mulheres prostituindo-se pelas vielas, ao primeiro que passa, para dar de



A outra saída do «arranha-céus» da Rua dos Bacalhoeiros, na Rua Afonso de Albuquerque, donde se vê a sair o nosso redactor, após uma noite ali passada

anedóticos, sucedidos consigo através a sua vida aventureira.

Fiquei sabendo que só precisa de arriscar-se duas ou tres vezes por mês para viver em relativa abundância, pois, segundo me confessou, nem é ambicioso nem tem herdeiros a quem deixar grande fortuna. Tem um auxiliar que é amigo fiel, a quem ensinou a «arte» por lhe reconhecer aptidões... Dos seus processos de burlar far-se-ia um completo tratado, volumoso e interessante pelas fórmulas empregadas. Há de tudo na sua maneira de operar — desde o mais vulgarizado, estafado e grosseiro das *notas falsas muito perfeitas*, ao do *bilhete da lotaria premiado*; do parente afastado que se encontra em Lisboa até ao do falso agente da polícia que aprende o dinheiro com que se faça o «negócio»... Outras vezes ainda a vítima é atraída àquele prédio alto da Rua dos Bacalhoeiros notável pelo estilo D. João V das suas numerosas varandas, a cuja porta fica esperando indefinidamente que o burlão volte com a almejada máquina de fazer «autênticas notas do Banco», que ele disse ir buscar lá acima ao seu quarto. E como aquele não regressa e-lo que, aborrecido de tanto esperar, se resolve a subir as mal-cheirosas escadas, indo bater afilto e inutilmente a todas as portas suspeitas daquela Babilónia de miséria — onde em todos os andares há hospedarias de embuste e

(Conclui na pag. 15)

## O SÁBIO QUE NEGOCEIA EM ESQUELETOS

(Continuação da pag. 9)

gos, e mandava-os para fóra, para os museus. Diz que passavam por esqueletos dos Incas americanos...

Percebeste, meu caro Paulo? Era este o segredo horrível do velho. Ele, julgando que eu descobrira o seu negócio com Landru, captou-me as simpatias, empregou-me na sua casa, ensinou-me as falsificações, para que eu, se um dia tentasse denunciá-lo, me encontrasse tão comprometido como ele!

Tenho a consciência limpa — mas... Mas não sou feliz, acredita. Sou detentor de dois segredos enormes: o dos crimes do Landru e o das falsificações do sábio. Serei capaz de os guardar até que a morte me surpreenda? Eis o que eu temo...

*O resto da carta não interessa aos leitores. Trata de coisas insignificantes que apenas poderão ter importância para o sr. Paulo Simões. Porém, o que demos à estampa, por feliz engano do correio, é tão grave, tão extraordinário, tão magnífico, e ao mesmo tempo tão humorístico que o sr. Paulo Simões não teria o direito de o sonhar à opinião pública.*

Até fica, pois.

REPORTER MARIO

## GRÊMIO DO MINHO

Está em festa o Grémio do Minho, celebrando o seu oitavo ano de existência. Parte do programa das festas já se realizou no dia 28 do mês findo. Amanhã, porém, é que o programa é mais extenso e brilhante.

Realiza uma conferência, subordinada ao tema «Homens notáveis do Minho», o sr. dr. Queirós Veloso, académico distinto e prestigioso sócio do Grémio do Minho. O orfeão mixto desta colectividade fará a sua apresentação, regido pelo distinto maestro sr. Alfredo Mantua, e o decano dos maestros portugueses, sr. Manuel Benjamim, dirige um serão de arte no qual tomam parte os distintos artistas sr.<sup>as</sup> D. Hortense Fontana, D. Adalina Forte e os srs. Henrique de Albuquerque e Tarquinio Vieira, e os apreciados amadores srs. José Morgado Mauricio, Alberto Julião Martins e Gabriel Lopes, sendo os acompanhamentos executados ao piano pela ilustre professora sr.<sup>a</sup> D. Ofelia Freire Correia.

Esta festa terminará por interessante baile, dirigido pelo professor de dança do Grémio, sr. Manuel Rodrigues, durante o qual se fará ouvir uma orquestra «jazz» composta de distintos professores.

O traje é de «soirée» e os poucos bilhetes que restam, destinados à admissão de senhoras da família dos srs. associados, devem ser requisitados na secretaria do Grémio, todos os dias úteis, das 14 às 18 e das 20 às 0 horas.

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

*Lama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

## O PRÍNCIPE DE GALES EM LISBOA

(Continuação da pag. 7)

guesas que nos sugeriram a recordação de alguns episódios da vida amorosa do príncipe de Gales, ocorridos através as suas viagens...

No Canadá — contaram-no os jornais americanos —, na ocasião em que o automóvel que conduzia o príncipe atravessava a custo um enorme mar humano, surgiu subitamente uma jovem dactilógrafa que, com rapidez e sem que ninguém a pudesse suster, se aproximou do «auto». Parecia enlouquecida por um desejo, mais linda ainda na sua perturbação... Depois, envolvendo o busto esbelto do príncipe na cadeia dos seus braços, beijou-o com frenesim nos lábios, longamente, anelante, ardente... E o herdeiro de Inglaterra, esquecendo-se da sua dignidade de príncipe, para só sentir o sangue alterado a correr-lhe as veias, correspondeu a esse beijo, fremente... E quedaram-se assim longos segundos... Em redor, após o pasmo da multidão, notou-se um geral movimento de satisfação, de alegria incontida. Estralejaram aplausos, hurrahs... Os dois jovens fôram arrancados pelo ruído dessas palmas ao seu belo sonho. O automóvel do príncipe seguiu... e a tresvairada dactilógrafa ficou parada a vê-lo afastar-se, insensível ao que a rodeava, saboreando talvez o gosto que os lábios do príncipe deixaram nos seus...

Mais tarde, à noite, à porta de um teatro, uma outra mulher quis plagiar a façanha... Mas o príncipe Eduardo, com fino sorriso de diplomata e um gesto delicado, afastou-a... E' que esta outra mulher contava... 55 anos de idade.

«O Príncipe do Amor» — chamaram já ao primogénito de Jorge V. E no entanto éle continua na sua rebeldia contra o casamento. Haverá, entre todas as beldades do mundo que lhe despertaram interesse, alguma que lhe tivesse prendido o coração? Será essa a causa da sua atitude de solteiro impenitente?... Não se sabe! Afirmando também que existe um romance na sua vida — um romance oculto e ignorado, cujo texto, decorrido na Irlanda, teria como heroína uma bonita rapariga do povo pela qual o futuro rei do Império Britânico se apaixonou, casando clandestinamente com ela... Será assim?

Duma só coisa temos a certeza: E' que ser príncipe real é qualquer coisa de difícil nos tempos infelizes que vão correndo...

## «A PARÓDIA»

A Paródia é um título que nos traz boas recordações. Quando o escutamos, não podemos deixar de pensar na Paródia que se tornou célebre pelas caricaturas magistrais de Bordalo Pinheiro, o inolvidável e genial artista, que nesse jornal deixou páginas imorredouras.

Pois vai ressuscitar A Paródia, sob a direcção de um caricaturista de grande mérito — o sr. Pinto Magalhães.

A Paródia, semanário de caricaturas, começará a publicar-se no próximo dia 3 do corrente.

## A Inquirição da beleza feminina

(Continuação da pag. 4)

assim se chamava, mirando-se no espelho, não se reconheceu. Era outra, mais flexível, mais jovem, mais fresca. Dois dias depois soubemos que o marido fizera um escândalo colossal e requerera o divórcio alegando que ela já não era a mesma mulher. Que se casara com outra Daisy, muito diferente. Parvo, não sabia dar o valor ao que possuía! Para Daisy foi uma felicidade. O escândalo veio aos jornais. E um milionário caprichoso quis casar com ela. Para o nosso Instituto, este caso foi um reclamo colossal.

Sentiamo-nos atordoados. Ela ainda falou por muito tempo, com delirante entusiasmo.

— Aparece-me pelo Hotel — disse ela à despedida. — Estou na Avenida Palace e demoro-me apenas três dias em Lisboa.

E entregou-nos um cartão de visita. Mal dobrámos a esquina, espreitámo-lo. Dizia: Clara Peterson — Scientific Institut of Beauty — 45 th. Avenue, 39 — New-York — U. S. A.

Clara Peterson? Clara... Clara... De súbito, o cérebro iluminou-se-nos. Conhecíamos aquela Clara. E alguns leitores de mais de trinta anos devem recordar-se dela, do antigo Regaleira, onde foi papillon no tempo da Lily Damita — outra que a America guindou à fortuna. Clara! Chamavam-lhe a Clarita do nariz de gato. E ela não gostava...

M. D.

## COISAS QUE TODOS

### DEVEM SABER:

*A CASA QUINTÃO vende*

*os afamados Tapetes de*

*Beiriz, faianças artísticas*

*e mobiliário género antigo*

RUA IVENS, 30 A 34

TELEFONE 2 6064

## A CÊRA DR. LUSTOSA

que cura a dôr de dentes em 5 minutos

foi finalmente posta à venda — em todas as farmácias —

Tubo 8 \$ 00

DEPOSITÁRIO GERAL  
Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989  
SECÇÃO DENTARIA  
Polycarpo

Fazer referências a este jornal

Este número foi visado pela Comissão de Censura

ENTRE OS "RUFIAS" DE LISBOA

(Continuação da pag. 13)

de infâmias. E' mais que certo que a essas horas já o burlão está longe dali, porque o prédio tem uma outra saída para a Rua Afonso de Albuquerque...

Noutras ocasiões transfere o seu campo de acção para importantes e respeitáveis estabelecimentos da Baixa. Apresenta-se ao gerente da firma propondo-lhe em ar confidencial óptimos negócios de lucro certo e fabuloso, a colocação no mercado de artigos passados aos direitos. E se o homem resiste, insinua-se, infiltra-se, elabora cálculos seguros—e acaba por vencer. Mostra facturas de casas estrangeiras, le correspondência trocada, apresenta preços moderados, quasi irrisórios, e daí a pouco tem na algibeira umas centenas de escudos para mandar vir a mercadoria. O «honrado» comerciante caiu na esparrela, aguardando depois a remessa que nunca mais chega... Depois tem um recurso sómente—a policia.

Tatuagem — estigma do crime

Falta ainda falar-vos de tatuagens—dêses ferretes indeléveis a estigmatizam aventureiras existencias. Todos os presidiários se orgulham da sua exhibição—porque os inapagáveis desenhos recordam-lhes quasi sempre o facto mais impressionante da sua vida.

Os apontamentos que sobre o assunto possuo, colhi-os uma noite de chuva, numa infecta tasca de qualquer beco do bairro. De todos os presentes era eu o único que não usava o luxo de tais distintivos de degradação e de ignominia—e a minha desculpa perante os meus companheiros de occasião residia no facto de eu ser um neófito no «meio».

—Precisas levar também o selo da confraria—assegurou-me um desses respeitáveis malandros que, de noite, em sitio escuro, nos causa insensivelmente um arrepio de medo.

Corria o vinho com abundância. E à medida que aquelas guelas insaciáveis iam ingerindo a preciosa mistura, os espiritos abriam-se em confidências tórces, contando cada qual aquilo a que chamavam o «seu caso»... E de tatuagens fez-se ali estendal, completo mostruário que envergonharia qualquer museu de crime. Dos característicos desenhos, todos curiosos, alguns de flagrante oportunidade, outros revelando uma hábil vocação de artista, um houve que particularmente me chamou a atenção. Foi o de um dos canalhetes, rapaz ainda, de cabeça rapada e orelhas quasi despegadas do crânio popularizado no sitio, e supponho que nos registos criminaes, pela alcunha de «Falta d'Ar»... Os traços que ele ostentava orgulhosamente no peito ossudo, sobre o coração, representavam com fidelidade e segurança a figura clássica com que a humanidade se acostumou a conceber o Diabo. Sei a história interessante daquela tatuagem: aquele rapaz pertence, por toda a vida, a uma estranha religião que existe espalhada em todo o orbe e cujos adeptos se dominam «Adoradores do Diabo»... Isto porém fica para um próximo artigo—visto o assunto ser sensacional.

Um outro desenho, complicadíssimo, que o Stuart, certamente, não desdenharia assinar, é o que está gravado no ante-braço direito do «Gato»—o gatuno-escador de quem já falei numa das reportagens anteriores. Representa as figuras de dois homens, estreitamente enlaçados, num duelo à navalha. Por cima, a coroar as duas figuras, uma cabeça de mulher; por baixo, uma caveira.

—Foi há oito anos—conta-nos o «Gato», de olhar fixo num tempo distante, certamente emocionado pela recordação.—Eu e o «Zé Marujo», que, como sabem, foi um dos homens mais valentes do Bairro Alto, andávamos de rixa velha, por causa da «Lidia do Dente de Ouro». Todas as vezes que nos encontrávamos, fôsse onde fôsse, era certo—«pegavamos». E uma noite, ao entrar de surpresa em casa dela, na Rua da

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

*Não lhes quis repetir aqui a história do saudoso livro de instrução primária sem uma razão bem fundamentada. Pretendia apenas pôr-lhes ante os olhos o quadro da Calabria tenebrosa para vos evocar um outro, occorrido nos nossos dias numa região bem diferente, mas que não deixa de ter tão má fama como aquella provincia italiana. O caso passou-se na costa occidental de Africa. A capitania do porto de Las Palmas recebeu uma comunicação official da delegação marítima de Aguerre, dizendo que o vapor português Neptuno encalhara na noite de 13 de Abril, no lugar denominado Cabo Balba. Como se tinham esgotado os víveres que o navio levava quando se deu o accidente e por ser uma zona completamente desabitada, desde o dia 13 até 19 do mesmo mês passaram os naufragos as mais aflitivas necessidades, chegando a beber água salgada.*

*No dia 19 o vapor, por mero acaso, foi avistado por um grupo de mouros que, julgando-o abandonado, para lá se dirigiram, certamente no intuito de levarem o que lhes fôsse possível. Ao penetrarem a bordo deram com o quadro da tripulação quasi morta de fome e de sede.*

*Os mouros têm fama de bandidos. Mactulam crianças innocentes, matam os viajantes e roubam-nos, ou então sequestram-nos exigindo quantias fabulosas para o seu resgate. Os mouros gozam, enfim, de uma fama internacional tão ou mais degradante do que a dos calabreses. Pois sabem o que fizeram esses mouros terríveis aos naufragos do vapor português? Prestaram-lhes os primeiros socorros e, cheios de carinho—um carinho bem cristão, a-pesar de serem mahometanos—levaram-nos para Aguerre, onde fôram hospitalizados, livrando-nos, assim, de uma morte horrivel e certa. E não saquearam o navio, o que aliás podiam ter feito se tomassem o exemplo de certas populações que se dizem cristãs e civilizadas...*

*Matam-se os dois?, perguntava-se na Calabria.*

*Matam-se os dezassete?, deviam ter perguntado os mouros de Aguerre, porque dezassete eram as vidas em perigo que elles salvaram desinteressadamente.*

MARIO DOMINGUES

Atalaia, encontrei-o lá. A vista turbou-se-me de ódio... Ele largou-me umas piadas e o resto já vocês sabem, porque foi falado nos «papeis» (jornais)... Atrirei-me a ele... Lutámos os dois e quando ele me ia a vencer, a pobre Lidia meteu-se de permeio, recebendo a facada que me era dirigida... Veio a «pula» (policia) que nos «engavetou» a ambos... Ela foi levada para o hospital, vindo a morrer ao cabo de dias. Respondemos, mas o «Zé Marujo» foi leal, acusando-se, embora inconscientemente, o autor da facada. Vim para a rua e ele lá seguiu para o degrêdo em Africa, onde ainda está. E para sempre me lembrar dessa tragédia, fiquei com esta recordação...

O HOMEM QUE ENGANOU CONAN DOYLE

(Continuação da pag. 12)

Sim, Nino Pecararo, que converteu Conan Doyle ao espiritismo, affirmou agora em New-York que tudo eram patranhas; que nunca vira um «espirito» e que elle falseava as supostas manifestações dos «espiritos».

E para convencer as pessoas a quem fez estas revelações sensacionais, Nino escreveu documentos com letras de homens célebres já falecidos, fez com que um harmónio tocasse sobre os dedos dum suposto «espirito» e acabou por declarar que iria dedicar-se à música ou ao «vaudeville». Num palco de teatro a fazer ilusionismo seria Nino mais útil e divertido.

Este Nino é duplamente perverso, canalha. Primeiro, porque durante anos andou criando em milhares de almas ilusões falsas, mas no entanto consoladoras enquanto fôsem illusões, embora não seja decente enganar o próximo; segundo, o cruel desengano que as suas últimas declarações provocaram nas pessoas que illudiu e mais criminoso do que todas as patranhas que inventou.

Mas a illusão humana é forte e saberá resistir a este embate da cruel realidade. A maioria dos espiritas erguer-se-á a dizer que a verdade do torpe Nino Pecararo é absolutamente mentirosa—e que o Além continua a esperar as suas almas para o abraço da Suprema Ventura.

M. D.

A VOLTA AO MUNDO

(Continuação da pag. 10)

donado—quando de entre os apaches se destacou um que caminhou para mim de mão estendida e sorriso afável. Apertei distraidamente aquella mão, sem perceber do que se tratava. Em seguida o apache foi conversar com o cabaretier em segredo. O homem com cara de cocheiro aproximou-se mais amável e respeitoso.

—Ce sont seulement trois cent francs, mon prince—disse ele numa reverencia.

Só me pedia os trezentos francos da despesa e nada mais. A louça corria por conta dele e tratava-me por mon prince (meu príncipe). Paguei e saí.

Na rua appareceu-me novamente o apache.

—Então—preguntou-me ele no melhor português que se pode conceber—já não reconheces os teus antigos amigos?

Era o Acacio, o Acacio Gomes, um velho discípulo que eu perdera de vista havia muitos anos e que estava ganhando a sua vida no caueau do Caucasien, fingindo-se apache feroz. Os outros companheiros e companheiras eram tão apaches como ele.

Bem presentira eu, no Adolphe Hotel, que me estava reservada naquela noite uma grande aventura...

—E Suzette?—preguntei ainda ao Acacio.  
—Tem percentagem na casa—elucidou ele.

Até sábado, meu amigo. Creia na amizade do

LEITOR DO «REPORTER X»

Pela minha retina passam mais tatuagens, todas com a respectiva história, perpetuando amores, lembrando feitos criminosos: corações atravessados por punhais, figuras de mulheres, simples letras, âncoras marítimas, toda a qualidade de bichos, datas e frases feitas, como: «até à morte», duas letras e uma data; «a minha mãe», «traição é morte», e muitas outras e tantas mais. E recordo-me, ainda, de ter visto uma outra tatuagem, originalíssima e apaixonada: Um homem ajoelhado erguendo numa das mãos uma guitarra, quasi a tocar numa cruz, gravada mais acima. E como legenda: «a minha religião»...

AMERICO FARIA

O MAIOR SUCESSO DE MIL E NOVECENTOS  
E TRINTA E UM

# NOVELA POLICIAL

LEITURA EMOCIONANTE

ASSUNTOS PALPITANTES

DIRECTOR

**REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)



QUINTA-FEIRA, 7 DE MAIO

NOVELA POLICIAL

NÚMERO CATORZE

## O CRIME DA RUA DA ESPERANÇA

Original inédito

de

JOÃO PAULO FREIRE



16 PÁGINAS, UMA NOVELA  
COMPLETA, CAPA A CÔRES  
= UM ESCUDO =

DIRIJAM JÁ OS SEUS PEDIDOS DE REVENDA  
E ASSINATURAS PARA A ADMINISTRAÇÃO DO  
REPORTER X E NOVELA POLICIAL

ROSSIO, 3, 3.º — LISBOA — TELEFONE 2 5442  
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: REPORTERX